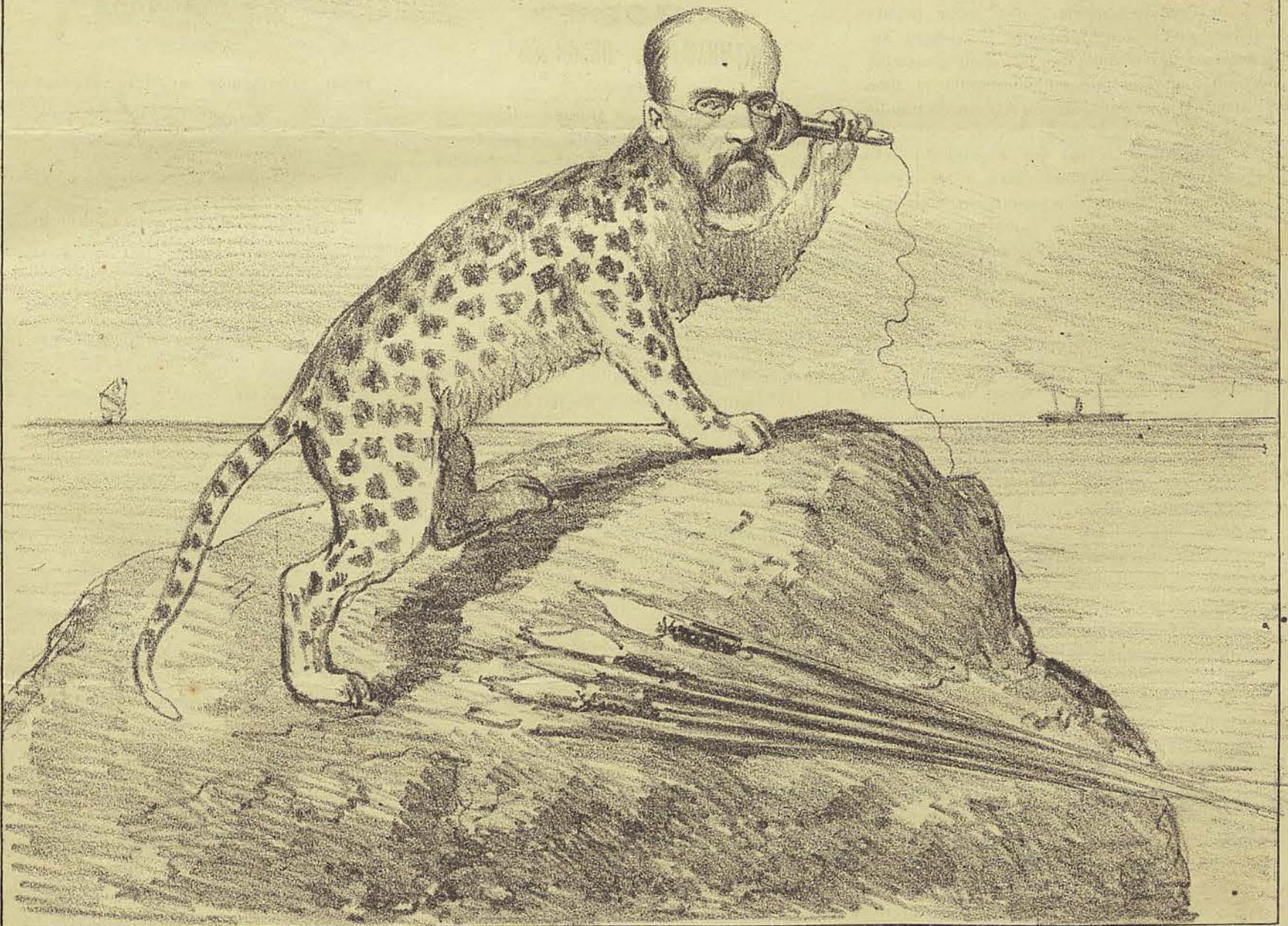


# DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109



A fera do Norte espera, ansiosa, o resultado da questão pernambucana que se trata actualmente na Camara.

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	20\$000	Anno.....	24\$000
Semestre....	12\$000	Semestre....	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

## DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 22 de Junho de 1895.

## EM TAUBATÉ

De Taubaté recebemos uma carta de um distincto advogado, relatando o barbaro assassinato de um individuo de nome Sebastião José de Carvalho que, em companhia de João Villela Cardozo, dirigia-se ás 9 horas da manhã para a estação da E. F. Central do Brazil.

Acompanha a carta um desenho um tanto incorrecto, mas bastante claro e intelligivel para com elle poder-se reproduzir o facto que o illustre advogado acha horroroso e que no entretanto não mereceu, até hoje, a menor attenção da parte das autoridades que são, no que parece, as mesmas do governo passado.

Nada vemos de extraordinario n'isso, sobre tudo sendo influencias politicas jacobinas que encommendaram esse assassinato, exigindo a orelha da victima como prova da execução, assim como quem aqui encommendá ao Paschoal uma boa empada de camarões exigindo ou não exigindo cousa alguma.

Bem se vê que em Taubaté não se está ao facto da alta politica d'esta situação de *ordem e progresso*!

Pedir a reproducção de um assassinato com o fim de apontal-o ao estigma publico... é ser hoje por demais ingenuo

O que é, actualmente, o assassinato de um individuo? Causa alguma! E se esse assassinato é encommendado por influencias politicas, elle deixa de ser um crime para tornar-se um acto altamente meritorio e solido degráo para subir ás mais altas posições politicas.

Não duvidariamos em apostar que o tal ou os taes mandatarios, em Taubaté, dessa sanguinolenta tarefa são candidatos a algum emprego ou posição politica importante.

Não direi que elles pretendam já alguma cadeira no nosso honesto Senado. Um assassinato só não é sufficiente; seria isso um acto de

injustiça contra o qual reclamariam alguns senadores que não duvidaram, sob pretexto de *consolidar* a Rrrepublica jacobina, consolidar as suas posições politicas nos estados que elles governaram, mandando assassinar um sem numero de cidadãos honestos, pelo facto de serem adversarios politicos e não irem á missa com elles.

Isto é no Senado; quanto á Camara espera-se a todo o momento o resultado dos discursos sobre os acontecimentos politicos de Pernambuco, onde, depois de terem-se esfalfado alguns deputados a fallar contra a sanguinolenta tyrannia do Dr. Barbosa Lima, veremos este ser levado ao setimo céu pelo Srs. Glycerio & C., que entendem, assim como a maioria dos Senadores, que a consolidação da Rrrepublica não pode ser, senão por meio de uma tyrannica anarchia politica.

Quando se pensa em tudo isso não se pode deixar de receiar um futuro horrivel, uma bancarrota medonha e outras cousas mais... que obrigam-nos a dizer ao Sr. Dr. Leal: O D. Quixote não póde occupar-se de um facto tão insignificante

Isto dá a medida do estado desgraçado em que estamos. O assassinato de um individuo é hoje um facto sem importancia!

E somos nós que o dizemos!

Pois se é assim mesmo!...

X X X

## LAMENTAVEL DESGRAÇA

O Sr. Dr. Prudente de Moraes, dignissimo Presidente da Republica acaba de soffrer um desses golpes que são tanto mais dolorosos para o seu coração quanto mais subitos, inesperados.

Prostrado por tenaz enfermidade, da qual apenas começava a convalescer em Santa Theresza, imagine-se com que impressão acaba o nosso venerando Presidente de receber a terrivel nova da desastrosa morte de seu filho o Sr. José Prudente de Moraes Barros, em S. Paulo, na villa dos Remedios.

Ao dignissimo Presidente da Republica e sua Exm. familia os nossos sinceros pezames por esse golpe que assim veio ferir seu coração de pai.



Foi o facto que no dia 13 do corrente o Sr. José Prudente convidou alguns companheiros para uma caçada de veados, indo entre elles José Manso e um oleiro italiano chamado José, compadre e amigo do Sr. José Prudente.

Como de costume, foi o Sr. José Prudente que se encarregou de guiar e desatrellar os cães de caça que levavam.

Como é de uso nestas caçadas os companheiros separaram-se para esperarem o veado cada um em seu logar diverso para deste modo cercarem o animal, tomando-lhe todas as passagens e atirando sobre elle.

O oleiro José ficou n'uma canoa em um rio que corria proximo; o Sr. Prudente no meio da matta e outros em varios pontos. Soltos os

cães, em vez de encontrarem veado desentocaram uma cotia.

O Sr. José Prudente conhecendo que caça diversa da que esperavam tinha sido descoberta, seguiu para o lado dos cães. O italiano José, deixando a canoa, veio tambem cautelosamente em busca da caça. Avistando um vulto que se movia no matto e julgando ser uma onça, atirou.

Era o Sr. Prudente, que vestira nesse dia um paletot rajado, causa do fatal engano e recebeu toda a carga nas costas, fallecendo instantaneamente.

O Sr. José Prudente, cuja morte tanto deploramos, contava apenas 30 annos de idade, e deixa inconsolaveis sua viuva e tres filhinhos.

Era administrador da importante fazenda dos Srs. Penteados e Irmãos na villa dos Remedios do Tieté.

Gozava de grande estima, sendo querido e respeitado por todos os colonos e visinhos.

Ainda ha pouco tempo foi distinguido com a presidencia da camara municipal da villa dos Remedios.

O oleiro José, causa involuntaria do desastre era seu compadre e intimo amigo. Acha-se desoladissimo e dizem jornaes de S. Paulo que em perigo de perder a razão por essa desgraça.

## Somos macacos?

Muito interessante e engraçadissima a chronica do *Magriço* publicada n' *O Paiz* de 19 do corrente.

Aqui transcrevemos alguns topicos que os nossos leitores, com certeza, saberão apreciar devidamente.

O assumpto é algum tanto espinhoso... melindrosissimo até!

Trata-se, nada mais nem menos, da semelhança que ha entre o brasileiro e o macaco! Que horror!

Quem disse isso? algum argentino?... algum oriental? E' sabido, e de ha muito tempo, que esses nossos caros visinhos mimoseiam-nos graciosamente com esse appellido.

Desta vez, porém, não são estrangeiros que nos chamam de macacos, é o Sr. *Magriço*.

Este engraçado e simianissimo chronista vai mais longe até; acha lisongeira a appellation e entende que o maior elogio que nos podem fazer é chamar-nos de macacos!

Macaco vá elle!... E então?!

Mas o que chega a ser um cumulo é a seguinte declaração: «Na minha humilde opinião não somos ainda sufficientemente macacos.»

Lembrou-se naturalmente que faltava-nos o rabo!

Não se riam, leitores, isto é sério! Vejam só o que diz em seguida o illustrissimo e macaquissimo chronista:

«De macacos o que mais temos, o que mais nos faz aproximar da intelligentissima especie, são as bananas.»

Griphamos a palavra *temos* que é certamente um erro de composição. *Gostamos* é que

devia ser. O macaco gosta de banana mas não tem banana.

Esta fructa é pois o ponto principal que serve de argumento a *Magriço* para estabelecer a quasi perfeita semelhança que elle acha entre o brasileiro e o macaco. (!!!)

Está me parecendo que esse Sr. *Magriço* muito deve gostar de bananas!...

Continúa o *Magriço*:

« Depois das theorias Darwinianas todo o orgulho da humanidade devia ser o conservar as tradições dos pelludos avós. »

(*Magriço é que é pelludo*) « Guardar respeitosa e cultamente um culto fervoroso por tudo quanto representasse um enrodilhamento caudato » (!) « E' talvez por esse fetichismo pela nossa ascendencia quadrumana (!) que caminhamos religiosamente na cauda do progresso. »

Ora, já se viu o progresso feito cauda de macaco!?

« O progresso ! é uma cousa fantastica que eu não comprehendo nem me dou ao trabalho de tentar comprehender. »

Agora sim; *Magriço* fallou a verdade. O progresso é cousa que elle não comprehende.

Entretanto... o' incoherencia!

« Por ora fica estabelecida como axioma a seguinte verdade:

« Quem macaqueia imita; quem imita peiora e melhora, quem peiora e melhora progride, porque o progresso e a civilisação não são mais do que a synthese de todos os vicios e de todas as virtudes — logo o maior povo do mundo é o que tiver maiores qualidades macacaes. »

E dá-lhe!... O que *Magriço* quer é riscar do dictionario a palavra *imitar* e substituil-a pela de *macaquear*.

Mas onde elle chega a ser sublime, a ponto de deixar a gente embasbacada, é no ultimo topico de toda essa macaqueação. Eil-o:

« Assim, em vez de magoar-nos com a appellidaçao de macacos devemos-nos honrar muito com ella e orgulhosamente enfeitar os nossos escudos, as nossas armas, com a ephigie gloriosa de um chimpanzé e um cacho de bananas ou bananas em penca, que é como se deve dizer, segundo a terminologia da moda, para acenar com ellas aos demais povos que ouzarem criticar-nos. »

Bravo! *Magriço*. Isso é que se chama um verdadeiro progresso de macaco, e macaco bem criado e civilisado!

Como a mania desses bichos é imitar, quero dizer macaquear, tambem ha de permitir que lhe faça o mesmo acenando-lhe com as ditas, no que espero ser imitado por todos os nossos patricios emmacacados com as suas bellas e simianescas locubrações.

D. GORILHA.

## RETALHOS

Um colleccionador de quadros religiosos apresenta-se a um pintor e lhe diz:

- Desejo que me pinte uma Magdalena.
- Antes ou depois do peccado?
- Durante...

No tempo do imperio:

Concedera-se uma grã-cruz a um homem que não sabia ler nem escrever.

— E' natural, disse o official de gabinete do ministro: se não sabe escrever precisa mais que ninguem de uma cruz para assignar-se.

Entre marido e mulher:

— Boas horas para o senhor vir para casa!

— Boas horas para a senhora estar acordada!

— Ha quatro horas que estou acordada para o ver entrar.

— E eu ha quatro horas passeio por aqui esperando que a senhora adormecesse.

— Vem cá, Mimi, dizia D. Amelia á sua galante fillinha: vem cá dar um beijo em D. Julia, minha professora de piano.

— Não vou, não, mamãe, ella é muito má, bate na gente.

— Já te bateu alguma vez, meu amorzinho?

— Não mamãe, mas hontem quando o papá lhe ia dar um beijo, ella lhe deu com o leque na cara e com toda a força.

Perguntaram um dia a Milton:

— Porque podem os Reis ser coroados aos 14 annos, no entretanto que só podem casar-se aos 17?

— Quer isto dizer, respondeu elle, que é mais facil governar um povo do que dominar uma mulher.

Um professor de historia a um de seus discipulos:

— Porque é que antes da ultima guerra dos Estados-Unidos era prohibido aos officiaes pretos o uso da espada?

— Porque a espada é uma arma branca.

Proverbio normando:

Só ha duas mulheres boas no mundo. Uma é a que se perdeu; a outra está por se encontrar.

Em um restaurant:

— O Sr. não toma café?

— Não; quando o tomo não posso dormir.

— Pois commigo dá-se o contrario: quando durmo não posso tomar café.

Dizia um alegre bohemio:

— Grande cousa é não poder morrer um homem!

— Então ha quem que não morra?

— Ha, e esse quem sou eu.

Tu? porque?

— Porque não tenho onde cahir morto.

## CHINOISERIES

### A TOA

E' a toa que a mesa reclama attenção: as palmas não cessam,

(De um collega diário).

Neste historico momento ve-se o que ninguem pensou. No seio do parlamento até cantou-se o *chegou!*

Já se applaude, (que franqueza), bafendo palmas! E' boa! E' a campainha da mesa reclama silencio — á toa —

No sul o prelio travado não tem pacificação; puxam de um e de outro lado e não se move a questão.

E, até que a cousa se oriente, a morte por lá povoa os cemiterios, e a gente vai assim morrendo... á toa.

Sobre o roubo da policia, (quem tal ousava pensar!) o que tirou, por malicia, veio um agente entregar.

Foi experiencia que encerra lição que no mundo echoa. Das maravilhas na terra rouba-se a policia... á toa.

A Central boa figura vai fazendo e muito bem; da cidade a Cascadura leva tres horas um trem!

Desastres a toda hora! Isso já merece lóia! Além da immensa demora, tem o povo a vida... á toa.

De bonds as companhias ha muito horario não têm; passa um mortal agonias, e si acaso um carro vem, é cheio qual ovo — ao brado não attende; corre, voa — fica o cidadão burlado e ainda chamando... á toa.

Da capital a limpeza nada deixa a desejar; o lixo as ruas pavésa; quando ha lama é de atolar.

E apoz fica muito a gosto a agua que nunca se escoa; e o povo, que paga imposto, tem banho gratis e... á toa!

As casas... uns corredores estreitos, sem luz, sem ar, vão a pregos... oppressores, e o povinho ha de pagar.

E não bufe... que, se bufa, embora chore e se moa, vão trastes pr'a a rua... á ufa, e fica vagando... á toa.

O céu, p'ra cousas grandiosas a nossa terra dispoz!

Vai tudo num mar de rosas!

Viva a Patria e... chova arroz!

Meus leitores, nossa fama

Em todo o mundo reboa!

E eu... vou procurar a cama:

já fallo de mais e... á toa.

L. N.º.



D. Quixote. — Ora, já se viu que mania esta de sangrar! Sancho Pança — Ella já está tão anêmica que, com certeza não escapa da cura. — É assim que esses Exmos. medicos pretendem salvar a Republica! — Coitada!

## Lettras e Arte

Recebemos a These e Dissertação apresentada á Faculdade de direito do Recife pelo bacharel Raymundo Pontes de Miranda.

Si ha cousa em que estejamos nós, os brasileiros, mais atrazados que em philosophia e em litteratura, apesar da invasão de litteratos mais ou menos espontaneos, é de certo em Direito, e muito particularmente no assumpto—Criminologia.

Apezar de uma faculdade em S. Paulo, outra livre na Capital e ainda outra no Recife, não raramente vemos, mesmo por parte de profissionaes, o profundo desconhecimento das theorias criminologicas que ultimamente têm aberto novos horisontes a esse ramo de saber.

Entre os poucos que revelam aturado e consciente estudo das novas doutrinas—elevado lugar compete ao Dr. Raymundo de Miranda.

O seu trabalho desde logo nos revela um sectario da theoria do auctor do *Uomo delinquente*, e, por conseguinte do systema de Griesinger, Schiff, Filangeri, emfim dos que negam o *libre arbitrio* substituindo-o pelo *determinismo causal*.

Estamos, pois, diante de um espirito adiantado que, não se contentando com a *grandeza do Amazonas*, procura estar ao corrente do que se passa na Europa, e presta a essas doutrinas o seu auxilio de propagandista convicto e emerito commentador.

Hoje não é mais licito a ninguem vir para a arena da discussão repisar as velhas theorias metaphysico—espiritualistas do direito, que têm sido causa da desorientação em que tem jazido a sciencia juridica, theorias combatidas por muitos, á cuja frente brilha o grande criminalista italiano. O livro do Dr. Miranda vem prestar um grande serviço pois, preza á illusão do *libre arbitrio*, a sociedade pelas suas leis, ainda está longe do ideal a que deve atingir.

A vontade humana rege-se como todo e qualquer phenomeno, por leis constantes, e a sociedade traçando leis que conduzam a vontade individual n'um certo sentido, e de accordo com certas normas, por isso mesmo supprime o *libre arbitrio*; e como quer ella empregar as penas dizendo que o crime é resultado d'esse mesmo *libre arbitrio*? A força restrictiva da pena deve vencer a força impulsiva do delicto, diz Romagnosi—e como se poderá obter tal resultado? Fallando ao espirito, agindo por elle sobre a vontade do individuo. E' isso o que faz a sociedade? Não. Ella pune os effeitos em vez de prevenir as causas. Para que a sociedade pune? Para corrigir? Mas então ella sabe que obrigará esse homem a proceder normalmente em virtude da pena?

Na nossa opinião só existem duas classes de criminosos—os que o são por um conjuncto de circumstancias como a educação, o exemplo, o meio, a hereditariedade, etc., e estes a sociedade pode, como o fez Robert Owen, ir modificando.

A vontade, como o pensamento, é pro-

ducto da *acção reflexa*, que por sua vez é resultado do systema *encephalo-rachidiano*, do temperamento individual que a educação physica, moral e intellectual pode corrigir se souber estudar os phenomenos psychico-necessarios de que fallam Griesinger (*Psychische Krankhesten*) e Schiff—(*Nervensystems*).

A outra classe é a dos criminosos por deformidade organica, os loucos de qualquer especie.

Estes a sociedade julga agindo *por força de motivos*, porque seria absurdo declaral-os livres, agindo por vontade independente e por isso responsaveis como os *não-loucos*! Salienta-se o paradoxo!

A consequencia de tudo isto é que a humanidade tende a um ideal que muito se assemelha á sociedade de Robert Owen, sem penas ou premios.

E' esta a orientação que as ultimas descobertas tem dado ao criterio scientifico.

Neste sentido o livro do Dr. Miranda é utilissimo. Seu auctor revela-se um trabalhador activo e competente. Avante e que o seu trabalho seja seguido de outros, pois o paiz precisa de quem estude.

Recebemos um estudo sobre Balmaceda e a revolução do Chile, pelo distincto Dr. Joaquim Nabuco; em breve fallaremos sobre elle, pois vamos lê-lo com a attenção de que é merecedor.

L. N.

## VARIEDADES

### A FORTUNA DOS ROTHSCHILD

Segundo um jornal de finanças européu, a fortuna completa dos Rothschild eleva-se a 40 billiões de francos. Um destes billiões é possuido pelos Rothschild francezes.

Em 1875 a fortuna dos Rothschild não era nem a metade do que é hoje. Em 18 annos o seu capital fez mais do que duplicar.

Por calculos feitos vé-se que esse capital, no anno de 1965, subirá com os juros, á quantia fabulosa de trezentos billiões de francos. Com os juros da fortuna dos Rothschild poderão viver 37 milhões de pessoas, isto é, toda a população da França. No anno de 1800 o avô dos Rothschild nada possuia e a sua fortuna data, como se sabe, da batalha de Waterloo.

Diante de uma fortuna d'estas todos os financeiros do mundo devem curvar-se embasbacados!

### CRISPI ENCOURAÇADO

Afirma um jornal de Genova que o Sr. Crispi, conhecido estadista italiano, usa agora, debaixo da camisa, um solido collete de aço, dobrado na região cardiaca.

Esta malha, que custou 600 liras, o protege contra qualquer punhalada ou mesmo contra as balas de reвольver.

Esta medida preventiva foi tomada depois do ultimo attentado de que Crispi foi victima.

E' provavel que haja occasião de experimentar esse collete de nova especie, pois que a opposição contra esse estadista em nada tem arrefecido.

Desejamos sinceramente que qualquer tentativa contra a vida do Sr. Crispi ou contra o collete de que se acha revestido encontre um effeito negativo.

Esses meios violentos não são mais deste seculo e somente loucos ou fanaticos é que podem empregar-os.

Se o real e enorme bigode do rei Humberto sympathisou com o não menos colossal bigode do Sr. Crispi é que para isso elle tem suas razões.



As festas de Kiel, segundo os telegrammas, devem estar esplendidas. O Imperador da Alemanha nada poupou para dar-lhes todo o brilhantismo. A esquadra franceza apesar de lá estar, não consentiu que os seus tripolantes desembarcassem.

Em Hamburgo, no banquete offerecido ao Imperador Guilherme, não compareceram os officiaes da marinha franceza.

A razão que o governo francez deu é que receiava qualquer conflicto em terra. Nós, porém, cremos que a verdadeira razão é que o governo do Sr. Faure, o actual presidente da Republica franceza, entendeu dever jogar com um páo de dois bicos. Satisfazendo ás necessidades da politica internacional indo assistir as festas de Kiel na Alemanha e não desagradar aos patriotas francezes que não admittem vir a França tomar parte activa em taes festejos. A França fez pois, uma visita cerimoniosa á Alemanha, não passou da sala de visitas; não quiz ir para a sala de jantar.

Dahi a razão de não terem querido tomar parte no banquete.



Parece talvez pouco delicado esse procedimento, mas pensando bem, elle não deixa de ser logico e previdente.

Poderiam os officiaes francezes beberem a todos os brindes?



Uma das mais espirituosas pilherias que conhecemos no mundo dos bastidores é a seguinte que se passou em um theatro de Lisboa, cremos que no de D. Maria.

O conhecido e estimado actor Rosa, pai dos actuaes primeiros artistas João e Augusto Rosa, teve de representar no drama o Trapeiro de Paris o papel de um rico viajante que no 1º acto é assassinado pelo trapeiro.

Quem fazia o trapeiro era o Theodorico, tão distincto actor como incommensuravel gaiato.

O Rosa, já bastante avançado em idade e soffrendo de um rheumatismo cruel, não pôdia cahir desamparado e pediu ao Theodorico que na occasião de fingir matal-o sustentasse-o um pouco para suavisar a queda.

Na scena aprazada o Rosa, de sobrecasaca e cartola novas, entrou e o Theodorico lembrou-se de pregar-lhe uma peça.

Sacudiu-o de tal modo que fez-lhe a cartola ir ao chão, e depois deixou-o cahir sobre ella com todo o peso.

Desceu o panno e, enquanto Rosa procurava endireitar a cartola amassada, o Theodorico desculpava-se dizendo que para o theatro nunca é bom trazer chapéu novo.

Na noite seguinte repete-se o Trapeiro, e na mesma scena o Theodorico ve o Rosa entrar trazendo á cabeça uma cartola... nova.

Espéra que eu te vou ensinar, disse consigo o pilherico artista, não quizeste tomar o meu conselho de hontem, perdes a cartola.

E, atirando-se para elle de punhal erguido, sacode-o, faz-lhe tombar o chapéu, e simulando ferir-o, atira-o sobre elle, ainda comprimindo-o fortemente.

Qual não foi, porém, o seu espanto quando ouviu Rosa segredar-lhe, mesmo deitado como estava:

*Para o theatro nunca se traz chapéu novo.*  
Aperta, meu gaiato, aperta, que é o teu.

Agora a explicação:

Theodorico, para tomar as roupas andrajosas do Trapeiro que representava, tinha deixado no camarim as suas.

Rosa foi ao seu camarim e tomando a luzente e nova cartola do Theodorico, entrara com ella em scena.

O Theodorico desesperou-se com a troça, pois teve de ir para a casa de lenço á cabeça. Apertara tanto o Rosa sobre a cartola que a deixara reduzida á expressão mais achatada!

Y.

## OS QUE PASSAM

### RUIZ ZORILLA

Falleceu no dia 13 do corrente, em Burgos, este notavel chefe e agitador republicano hespanhol que, durante mais de 20 annos, desempenhou papel notavel na politica do seu paiz.

Combatendo pela candidatura do duque Amadeu ao throno de Hespanha, logo no primeiro gabinete que este rei organisou, foi ministro do interior e mais tarde presidente do conselho até á abdicção. Subindo ao throno Affonso XII, Zorilla exilou-se em Paris de onde escreveu manifestos republicanos que acharam grandes sympathias na Hespanha.

Apezar de ter sido revogado o decreto de expulsão que fôra lavrado contra elle no reinado de Affonso, Zorilla continuou a viver em Paris até que, sentindo-se enfermo, voltou á Hespanha pois, como dizia, queria morrer em terra da Patria.

X.

## THEATROS

### S. PEDRO

Com a opereta fantastica de Souza Bastos e Accacio Antunes *A Fada do Amor* estreou na quarta-feira neste theatro a companhia do theatro da Trindade, em Lisboa, da qual é director Souza Bastos e regente o maestro Freitas Gazul, do Conservatorio de Lisboa, sendo deste maestro a musica da operetta.

A companhia é composta de excellentes artistas, bons scenarios, guarda roupa aprimorado e boa orchestra.

Possue todos os elementos para agradar, e agradou muito ao publico numeroso que encheu completamente o vasto theatro.

A operetta, quer no libretto, cheio de boas situações, espirituosa e felizmente conduzido, embora afastando-se pouco do molde commum das magicas, quer quanto á musica, viva e bem trabalhada, obteve um successo real. Os artistas são correctissimos, destacando-se no desempenho Joaquim Silva, Telmo e Portugal. Das artistas agradaram-nos muito Josephina Calvo e Maria Falcão. Scenarios magnificos salientando-se o do 6º quadro (noite em Veneza) e o final.

Emfim, cremos pela estréa que a companhia nada deixará a desejar no futuro.

O theatro estava completamente cheio e os applausos bem mostraram a excellente disposição do publico.

No Apollo estreou a companhia Taveira com *O Testamento da Velha*, a bella operetta de Gervasio Lobato e musica de Cyriaco de Cardoso. Sobre ella fallaremos no proximo numero.

No Variedades continua o *Aquidaban* a metralhar o publico com suas pilherias.

No Eden Lavrado, prosegue o *Tm tim por tim tim*, que se vai assim tem centenario.

No Sant'Anna — *A Bicharia*.

### GREMIO DA TIJUCA

Esta sociedade, uma das melhores do Rio de Janeiro, realiso no sabbado a 6ª partida mensal, que realmente esteve esplendida, quer pela alegria e expansão que se notava na selecta sociedade que enchia os vastos salões, quer pela amabilidade da distincta directoria.

Apezar de se acharem os salões cheios de convidados, o que dificultava um tanto as dansas, estas prolongaram-se animadamente até ás 5 horas da madrugada. Um bravo á futura associação por mais esta victoria.

Agradecemos o amavel convite que nos foi enviado.

### NOVELLI

No theatro Lyrico já terminou a primeira assignatura de doze recitas e vemos com prazer que abriu-se uma nova, porém muito pequenina, de tres espectaculos apenas.

São mais tres noites de grande successo em que o eximio artista colherá innumerous applausos.

O publico fluminense que gosta da verdadeira arte dramatica não faltará a essas tres ultimas recitas.

Muito desejariamos que fossem tres enchentes afim de provar que no Rio de Janeiro não é pequeno o numero dos verdadeiros apreciadores da grande arte de Shakespeare, Moliere e outros grandes genios.

No Recreio Dramatico o intelligente actor Alberto Pires deu um spectaculo em seu beneficio e em homenagem á imprensa fluminense.

Varios artistas tomaram parte realçando com o seu talento esse spectaculo, um dos mais bellos e variados a que temos assistido.

Os nossos parabens ao Sr. Alberto Pires e o nosso agradecimento pelo convite.

Y.

## A NOSSA ESTANTE

Fomos obsequiados com:

**O Vice-Presidente da Republica**, perante a historia, por José Bara.

Regulamento do «Stud Book Geral Brasileiro.»

**Relatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia** no Rio de Janeiro, apresentado á assembléa geral em 26 de Maio de 1895, pelo seu presidente o Exm. Sr. Conde de Santa Marinha.

**A Estação de 15 de Junho de 1895—Anno XXIV**, N. 11. — Um numero excellente como era de esperar desta útil e apreciada publicação.

**Revista Pharmaceutica** de S. Paulo, órgão da Sociedade Pharmaceutica Paulista, n. 2.

**Escoço biographico** do Dr. Alfredo Ellis. Aparentamentos para a historia do illustre cidadão, por Libero Braga—Volume 1º — S. Paulo.

**Revista Academica** da Faculdade de Medicina — Anno 3º, n. 1. — Publicação bem redigida pelos Drs. A. Austregesillo, Mario Dias e Alvaro Fernandes.

**Constituição do Brazil**. Noticia historica, texto e commentarios por Aristides Milton, sobre a qual fallaremos em breve.

**Viação urbana** — Artigos publicados na imprensa da Capital e colligidos em folheto pela Companhia de Carris Urbanos.

**Trabalhos juridicos** do Dr. Antonio Pinto de Miranda Montenegro. Um importante volume de 400 paginas que precisamos ler com attenção e tempo para darmos alguma cousa.

**A Lanterna** — N. 1 — Jornal litterario cujo apprecimento já haviamos noticiado e que veio comprovar a nossa expectativa. Muito bem, Sr. Julio Pompeu; que a sua lanterna fique accesa por muito tempo, a illuminar a estrada das letras, é o que desejamos.

—O sympathico actor Alberto Pires escreveu-nos uma attenciosa carta offerecendo-nos uma cadeira para o seu beneficio.

—O distincto actor Joaquim Silva enviou-nos o seu cartão em signal de cumprimento.—Agradecemos.

—O correcto actor Portugal do Theatro da Trindade visitou-nos pessoalmente, e ainda deixou-nos o seu cartão. Penhorados agradecemos a amavel visita.

—Os Srs. Coelho & C., proprietarios do estabelecimento O PHAROL á rua do Ouvidor 149 B, enviaram-nos um convite para visitarmos a sua casa de conservas, fructas, biscoitos, etc.

Lá ifamos em breve e... com boa disposição.

**A Cigarra** — O n. 7 do elegante hebdomadario de Olavo Bilac e Julião Machado. — Illustrações magnificas como sempre, pois o Julião tem o segredo da originalidade. O texto, nada é preciso dizer sobre elle: é do Olavo e basta. A ultima pagina traz uma mimosa ballada, composição do Julio Reis, que todos conhecem e que só tem para rivalisar com o seu espirito fino o seu enorme talento musical. O Julião illustrou a pagina de um modo adoravel, digno do maestro da *Serenata arabe*. Belmiro tambem collaborou neste numero com chistosas caricaturas.

Já que fallamos de musica, aproveitamos o ensejo para accusarmos o recebimento da Canção Portugueza e da Marcha do Batalhão das Mulheres da revista de Assis Pacheco—*O Aquidaban*, editadas pela casa Fertin de Vasconcellos e Morand.

Tambem recebemos a polka—*Criminosa*—por B. Neves, edição da casa Vieira Machado & C.

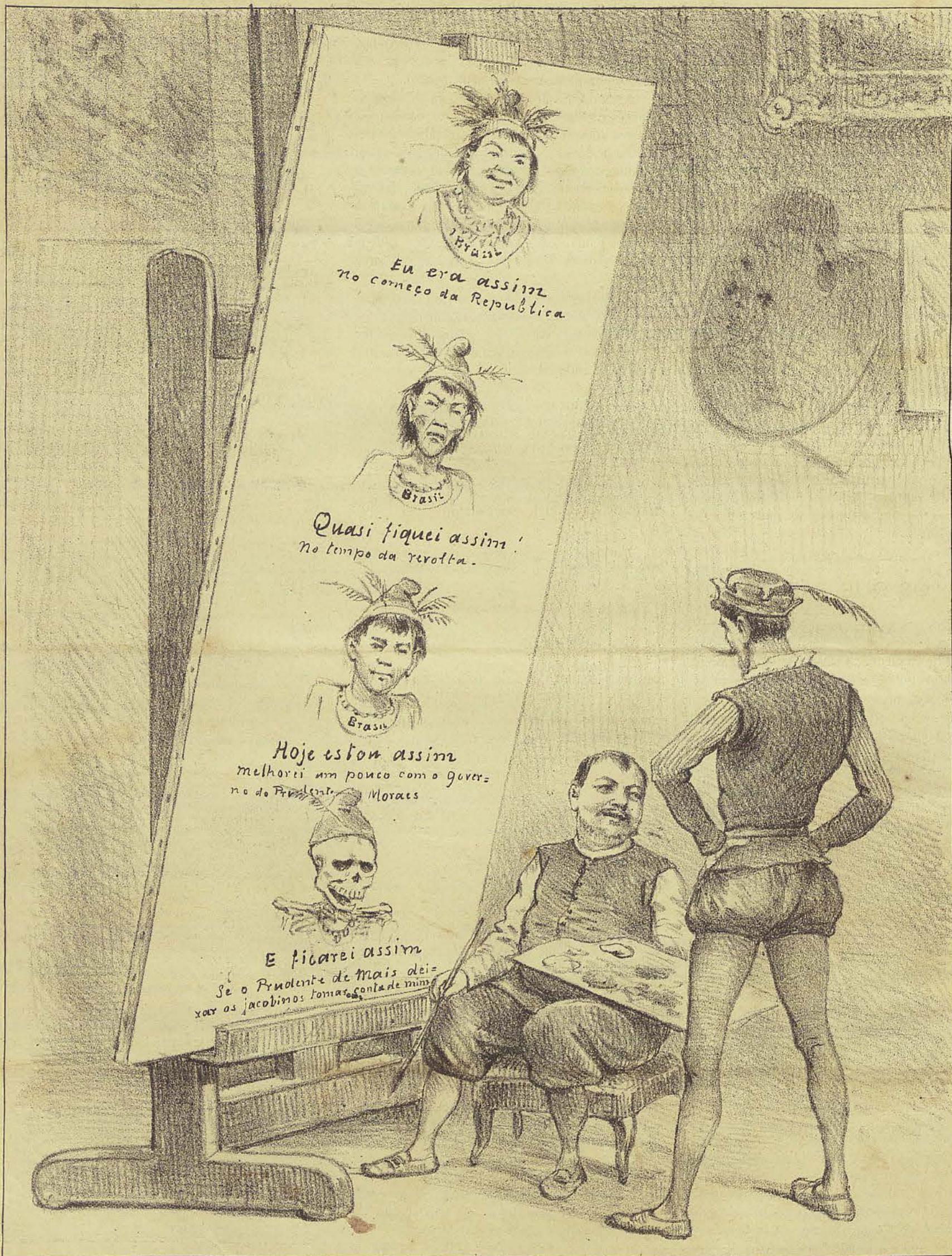
Dos Srs. Henrique Stepple e Ed. de Proença directores da Sociedade Sport Fluminense recebemos um cartão para as corridas diarias que começarão no dia 22 de Junho. Corridas diarias! Os que gostam podem agora tomar um fartão!

Do director da Escola Nacional de Bellas Artes o Sr. professor Rodolpho Bernardelli recebemos um folheto intitulo: «Regimento das Exposições Geraes de Bellas Artes» e um convite igual aos que foram dirigidos a todos os artistas nacionaes e estrangeiros que desejarem tomar parte com seus trabalhos artisticos na proxima exposição que terá lugar em Setembro do corrente anno.

Breve nos occuparemos deste importante assumpto, considerando que a arte é ainda entre nós uma das poucas cousas que denotam não estarmos ainda de todo em estado de selvageria.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.



D. Q. - Que diabo é isso Sancho?

S. P. - Isto é alta politica e tratada cá a meu modo.